

O Homem-Aranha e a sala mágica

Spiderman and the Magic Room

Sonia Maria B. A. Parente

Resumo

Este artigo estabelece um diálogo entre a minha apreensão do referencial winnicottiano e o processo terapêutico de um menino de 7 anos, com um quadro de inibição intelectual. Paralelamente, discuto o trabalho realizado com sua família e apresento um modelo de atendimento a pacientes com sofrimento psíquico ligado às queixas de problemas de aprendizagem. A ideia principal é ressaltar a importância do encontro com o objeto subjetivo na instauração do fenômeno da ilusão e do brincar para a criação da externalidade do mundo de realidade compartilhada, base do desenvolvimento da atitude científica e da aprendizagem formal. Este atendimento também foi objeto da tese de doutorado: *Em busca da comunicação significativa: transformações no olhar de uma analista na clínica da inibição intelectual*, PUC/SP 2005.

Palavras-chave:

winnicott; ilusão; brincar; aprendizagem; inibição intelectual.

Abstract

This article establishes a dialogue between my apprehension of the Winnicottian framework and the therapeutic process of a 7-year-old boy with intellectual inhibition. At the same time, I discuss the work carried out with his family and, present a model of psychological assistance for patients with psychological suffering linked to complaints of learning problems. The main idea is to emphasize the importance of the encounter with the subjective object in the establishment of the phenomenon of illusion, and of playing for the creation of the externality of the world of shared reality, which is the basis for the development of the scientific attitude and formal learning. This clinical case was also the subject of the Doctoral thesis: *In search of meaningful communication: transformations in the view of an analyst in the intellectual inhibition clinic*, PUC/SP 2005.

Keywords:

winnicott; playing; learning; intellectual inhibition.

Se não houvesse o ponto, o ponto em repouso,
não haveria nenhuma dança. E só há dança. (T. S. Eliot)

Primeiro momento

Eric tinha quase 7 anos, frequentava a pré-escola e apresentava dificuldades de adaptação escolar, na comunicação e nos relacionamentos. Segundo os pais, em casa, só fazia o que queria; não aceitava, nem seguia voz de comando, resistia ao contato e preferia ficar sozinho. Não era competitivo, mas não gostava de perder. Era desleixado, cuidando pouco também de sua higiene corporal.

Na escola, ele era apresentado como desligado, desatento, dócil, fechado no próprio mundo, com problemas de compreensão, expressão, comunicação e linguagem. Evitava contato com crianças. Segundo a orientadora da escola, Eric não acumulava experiência e não conseguia transferir os conteúdos aprendidos. Na sala de aula, às vezes, fazia desenhos de monstros e em momentos inadequados. Parecia viver num mundo imaginário e dentro de uma bolha, dizia a coordenadora da sua escola.

O pai de Eric não tinha sido aceito pela família da mãe, porque era mineiro e não alemão, já que essa era a origem da família. A gravidez que a mãe tanto esperava, apesar do pouco interesse do pai, ocorreu quase 3 anos após o casamento. Os pais relataram ter tido altíssimas expectativas em relação ao menino, esperando, inclusive, através dele, reatar relação com o avô materno, rompida por ocasião do casamento.

Segundo a mãe, Eric passou um pouco da hora de nascer, não pegou o seio facilmente e não era guloso. “Muitas vezes, não queria mamar na hora certa e depois ficava chorando” (sic). A partir do terceiro mês, a mamadeira foi introduzida porque era tempo de a mãe voltar a trabalhar.

Os pais não ofereceram chupeta. Com quase dois anos, Eric ameaçou jogar fora o seu jacaré de estimação porque brigou com a mãe. Além de não impedi-lo, a mãe o desafiou a fazê-lo. Depois que Eric jogou o seu jacaré, arrependeu-se. A mãe explicou que havia coisas na vida irreversíveis.

O menino teve muitas babás, de diferentes nacionalidades. Até os 4 anos, só falava alemão. Como era o único neto, sobrinho e filho, havia sido muito paparicado. Depois que as relações foram reatadas, passou a ficar muito tempo com os avós maternos.

Duas tentativas fracassadas foram feitas para alfabetizá-lo: a primeira em inglês e a segunda em espanhol. Os pais acreditavam que o aprendizado dar-se-ia melhor quanto mais cedo ocorresse. Desde os 4 meses, viajava com os pais para diferentes países, sendo bombardeado com um arsenal de informações.

Na ocasião do nosso encontro, a mãe se mostrava muito preocupada com o desempenho do menino. O pai acusava a si próprio de ter sido omissivo, fraco e submetido à família da esposa. Na verdade, os pais pareciam perdidos, brigavam muito e era possível perceber que eles tinham começado a duvidar de tudo, especialmente da capacidade intelectual do menino.

**Apresentarei o caso de Eric da seguinte forma:
na coluna da esquerda, relatarei o desenrolar
do primeiro contato com o menino e na direita
apresentarei a compreensão que tive do seu mo-
vimento psíquico.**

No primeiro contato com Eric, encontrei um garoto desvitalizado, triste e desesperançado. Submeteu-se à ordem dos pais de ser educado e tentou agradecer, beijando-me através de um contato robotizado e superficial. De repente, saiu caminhando para o fundo do consultório. Parecia alheio a esse mundo (uma alma penada).

Quando entramos na sala, ele começou a mexer na caixa e a separar os super-heróis dos animais domésticos e selvagens. Disse algo que não consegui entender direito. Acho que ele nem ouviu quando perguntei o que havia dito. Parecia muito envolvido na sua busca.

Perguntou novamente e aí consegui entender que ele estava procurando pelo Homem-Aranha. À medida que tirava um a um dos super-heróis, ia olhando-os bem e dizendo: “neste, falta boca, neste, falta nariz; neste, falta boca e nariz”.

Finalmente, mostrou, contente, que havia encontrado o Homem-Aranha, com quem manteve uma relação de fascínio, colocando-o na asa de um avião. Depois, começou a fazer um solilóquio, falando das viagens, das peripécias e da coragem do Homem-Aranha. O Homem-Aranha lutava contra o mal que era muito forte, não morria e era cheio de truques. Depois surgiam aliados do Homem-Aranha. Este era, então, após muitas lutas, levado para o hospital para ser cuidado.

Quando saía do hospital tinha que consertar um monte de coisas quebradas.

Fundamental para compreender e respeitar Eric foi observar a sua postura corporal: ele brincava, mas de forma defensiva num estado de isolamento e retraimento, o mais longe possível e de costas para mim. Às vezes, observava-me à distância. Parecia evitar qualquer aproximação ou contato.

Não sei quanto tempo se passou. Enquanto Eric brincava, eu pensava no clima de preocupação do seu brincar e no significado dentro de sua história.

Foi, então, que um momento significativo ocorreu e um encontro real foi estabelecido entre nós.

A tampa da caixa de brinquedos que estava perto dele caiu, fazendo um barulhão. Eu me assustei. Mas Eric que estava de costas virou-se para mim, com uma expressão extremamente assustada e amedrontada.

Apresentava sérias dificuldades de fala. Expressava-se mal, cortando rapidamente o tênue contato quando não era compreendido.

Eric faz a apresentação de si mesmo: um ser que não tem boca, nem nariz. Alguém que não pode fazer uso dos órgãos do sentido para se comunicar com o ambiente.

Ele encontra o homem-aranha, super-herói corajoso, que vive para lutar contra o mal e consertar coisas quebradas.

Eric parece defender-se de uma relação com o mundo externo, que o ameaça.

Talvez o mundo externo seja sentido como o mal.

Seria o Homem-Aranha a expressão idealizada de si mesmo, o bebê

Naquele momento, senti que o que ele via em mim era um ser terrível e ameaçador. Evitei até respirar. Por duas ou três vezes, ele me olhou virando-se de costas, como que para certificar-se de que estava tudo bem.

Até que trocamos um olhar, levantei o polegar fazendo um sinal de: tudo bem? Lenta e cuidadosamente. Ele pareceu concordar com o olhar e um leve sinal de cabeça. Senti que respirávamos aliviados e que seria possível conversar.

Eu disse, então, que achava que a gente tinha se assustado tanto, quando a tampa da caixa caiu, porque parecíamos estar em outro mundo. Ele perguntou: qual mundo? Eu disse que talvez fosse na quarta dimensão porque, para mim, a terceira era quando eu ia para o mundo da lua. Ele me disse que às vezes ia para a quinta dimensão, ao que respondi que nesta eu nunca havia estado, perguntando-lhe como era lá. Ele explicou que só havia monstros e fantasmas, sempre em guerra. Disse que, às vezes, também ia para o mundo da lua e que lá era bom. Disse-lhe que a gente podia se encontrar, de vez em quando, no mundo da lua. Seus olhos pareceram iluminar-se, e ele sorriu levemente.

Estávamos próximos do fim da sessão e antes de ir embora, ele olhou-me perguntando onde eu tinha comprado o Homem-Aranha.

Estive com Eric mais três vezes. Na época, o máximo que sua mãe pôde aceitar em relação às minhas orientações foi a mudança para uma outra escola, que respeitasse mais a sua singularidade e o seu ritmo. Reforcei o pedido da escola de uma avaliação fonoaudiológica. Ela acreditava que tudo se resolveria com a mudança da escola e da atitude da família em relação ao menino.

super-herói esperado pela família materna? Seria a expressão de uma possibilidade de integração do self?

O mundo externo e invasor provoca-lhe a vivência de um estado de susto e alerta.

Ele parece um ser na solidão, e não num mundo de realidade compartilhada e humana.

Ele está presente na vigilância. Este parece ser o seu ponto de vitalidade, que lhe permite esboçar um padrão de defesa e interação com o meio ambiente. Essa relação é extremamente tênue e feita numa linha defensiva, por meio da mentalização, da agressividade.

Eric parece habitar outras dimensões e não a realidade humana.

Um encontro na área dos fenômenos subjetivos permite a comunicação significativa, a possibilidade de um encontro, ainda que no mundo da lua.

Frente à preocupação dos pais, expliquei-lhes que uma avaliação intelectual quantitativa só deveria ser feita, se fosse o caso, depois que Eric pudesse brincar e estabelecer uma outra modalidade de relação com a realidade. A mãe concordou que Eric continuasse o trabalho de expressão ligado à arte-educação que havia iniciado e do qual estava gostando muito.

Em nosso último encontro, ele não quis levar o Homem-Aranha e pediu que eu o guardasse para quando ele voltasse. Somente depois de, aproximadamente, um ano voltei a ter notícias de Eric e sua família.

A disponibilidade da mãe em estado de devoção

Na concepção de Winnicott, o bebê é, desde o início, ativo e afortunado se, e somente se, puder transformar-se num ilusionista. Para isso, ele necessita contar com o apoio da mãe em estado de devoção, que estabelece uma relação com seu bebê a partir de um movimento que é, desde o início, ambíguo e paradoxal, da ordem da tridimensionalidade.

Por isso, ela pode relacionar-se com um bebê que, ao mesmo tempo, é e não é ela mesma, pois ele é também um objeto do mundo compartilhado, com características, ritmo e estilo próprios. Isso é algo que não pode ser ensinado à mãe: ou ela alcança o estado de devoção, de preocupação materna, que permite a identificação primária com o bebê ou não. Neste estágio, o sujeito é o objeto.

Essa experiência pode ser pensada segundo um modelo estético (Safra, 1995), já que ocorre numa situação de indiferenciação entre sujeito-objeto, num estado de dependência absoluta do bebê. Aqui, reside a relação com o ser, com o elemento feminino puro, base da identidade. Esta é, também, base do elemento criativo presente em qualquer atividade do cotidiano e do campo cultural em que o indivíduo esteja, posteriormente, pessoalmente envolvido.

Nas primeiras situações de amamentação, a cada encontro, a mãe coloca o seio no momento e no lugar em que o “gesto do bebê, que surge a partir de uma onda de tensão instintual”, o coloca (objeto subjetivo). Tem início a experiência de onipotência, estabelecendo-se, assim, a ilusão do contato.

Assim, para que a potencialidade criativa do bebê se atualize, o objeto precisa ser encontrado. Não se cria no vácuo. Penso que esta é uma das novidades trazidas por Winnicott: é no bojo de um movimento paradoxal que o objeto é criado, porque pode ser encontrado. Atente para o fato de que o objeto não é colocado no mundo pelo sujeito e que o momento do encontro com o objeto coincide com o primeiro contato com algo exterior.

Daí a importância da função da apresentação de objetos da mãe aliada ao *holding* e ao manejo, exercidas de forma simultânea e complementar para o início do desenvolvimento das relações objetivas. Winnicott reconhece a “ilusão como caminho de acesso ao real”. Para que a ilusão se constitua, é preciso, inicialmente, certa dose de experiência de onipotência. “Se a mãe é alguém que É e não que Faz, até o bebê estar pronto para começar a fazer”, o bebê experimenta o sentido de ser ou identidade (a experiência de ser real, de apreender a realidade e o significado da experiência).

Primeiro ser para depois fazer. A mãe suficientemente boa presentifica o ser do bebê na apresentação que faz de si mesma durante as experiências de amamentação, fornecendo, assim, um ambiente perfeitamente adaptado às suas necessidades. O bebê encontra um ponto de des-

canso, de quietude e a possibilidade de um estado de não integração e relaxamento, que permite a continuidade do ser.

O potencial ativo e criativo e a comunicação silenciosa

Winnicott (1975-1990) ressalta que o bebê nasce com um potencial de força vital e que isso é a base da criatividade. Portanto, trata-se de uma tendência inata que impulsiona o ser humano na busca do próprio desenvolvimento. Por diferentes formas e vértices, Winnicott falou desse potencial criativo.

No artigo, *A comunicação e a falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos* (1963, p. 166), Winnicott afirma que, desde o início e ao mesmo tempo, o bebê desenvolve dois tipos de relacionamento: com a mãe ambiente, que é humana, e com a mãe objeto, que é uma coisa e é também parte da mãe-humana.

Assim, o potencial de força vital ou potencial criativo que, no início, é uma coisa só, dá origem a dois estados, a duas modalidades de relação com a mãe suficientemente boa:

a) o relacionamento com a mãe objeto do estado excitado, no qual predomina no bebê a agressividade instintual, parte do amor instintivo ou da atividade ligada ao erotismo muscular já presente no feto. Essa está ligada ao gesto espontâneo cuja fonte é a liberdade da vida instintiva. 'Se as experiências instintuais são sentidas como partes de si próprio, por causa do apoio egoico da mãe, o elemento agressivo (que, nesta etapa, é destrutivo por acaso) funde-se com as experiências de força vital e contribui para a sua intensidade'. (Davis, 1982, p. 83)

No início, a motilidade contribui para exercitar a separação entre bebê e mãe. Posteriormente, dá origem a relação com o elemento masculino puro, o fazer que permitirá a criação da externalidade e o caminhar em direção à consecução de um senso de permanência do objeto do mundo compartilhado, quando ocorrer a separação entre eu e não eu, através do pensar e brincar criativo.

Cabe diferenciar essa primeira modalidade de agressividade, usada para a separação e colocação do objeto subjetivo fora da área de controle onipotente e que permite a destruição criativa do objeto subjetivo na fantasia, de uma outra, relacionada à frustração e ligada à raiva. Para Winnicott, este sentimento é muito mais sofisticado e só surge quando já existe separação entre eu e não eu. Na saúde, o motor da agressividade não é só frustração, mas especialmente, a busca ativa do objeto.

b) o bebê se relaciona com a mãe ambiente no estado de quietude, no qual predomina o amor não instintual e onde ocorrem as experiências de comunicação na mutualidade. Essas geralmente são tranquilas, ligadas a batimentos cardíacos, respiração, fortalecendo a identificação da mãe com o bebê, permitindo que o bebê tenha a experiência da continuidade do ser.

Esta é a área do sagrado, de toda a experiência satisfatória do ser humano ligada à consciência de estar vivo, que se desenvolve a partir do processo de *apercepção* criativa, que significa um colorido pessoal de apreender o significado do mundo, que “torna a vida digna de ser vivida” e organiza até mesmo a capacidade de perceber aquilo que será, posteriormente, a externalidade do mundo, quando ocorrer o início da separação entre o eu e o não eu.

Vale lembrar que, para o autor, a fantasia – elaboração imaginativa das funções somáticas – faz parte do potencial criativo e vai sendo enriquecida pelas experiências da magia ocorridas no espaço potencial, no espaço de mutualidade e comunicação significativa. “As memórias são construídas a partir de inúmeras impressões sensoriais, associadas à atividade da amamentação e ao encontro do objeto”. (1990, p. 126) Portanto, a fantasia não é criada para suportar as frustrações da realidade externa e precede a percepção da realidade. Assim, para Winnicott, não apenas o objeto subjetivo é criado. Também a externalidade do mundo de realidade compartilhada é fruto do movimento paradoxal desta relação inicial do bebê com a mãe. E como se cria a externalidade do objeto?

Somente se o bebê confiar que a realidade poderá trazer a satisfação de suas necessidades, e a mãe sustentar todo o processo de separação que se estabelece após o processo de ilusão, o bebê poderá ir criando e buscando espontaneamente a externalidade do objeto e o princípio de realidade não será uma afronta para ele.

Observamos aqui o papel do ambiente externo não apenas para a atualização da capacidade de criar (encontro com o objeto subjetivo), mas também para o desenvolvimento da capacidade de relacionar-se com e usar o objeto, como veremos a seguir.

O espaço potencial, a transicionalidade, o brincar e o pensar

Quando o bebê coloca o dedo na boca da mãe, aos 3 meses, ele está comunicando e vivenciando a mutualidade. O bebê está brincando e o jogo pertence ao lugar de transição onde “a continuidade está cedendo lugar à contiguidade”. Winnicott ressalta a importância da retroreflexão ou do olhar mútuo entre mãe e bebê nessas experiências.

Para o bebê afortunado, na época da separação, o que surge não é a questão da separação, mas a primeira ideia da união. Assim, o espaço potencial é preenchido pelo brincar criativo que surge naturalmente do estado relaxado através do uso dos objetos transicionais.

O primeiro objeto possuído e adotado pelo bebê, a primeira posse não eu, vem nas esteiras das formas primitivas de se relacionar e brincar. Ele antecede o teste da realidade e retém qualidades mágicas, possuindo também, permanência e vida próprias vinculadas a seu valor de sobrevivência. O bebê tem agora o controle pela manipulação através do brincar. Para Winnicott, só é real o que sobrevive à destruição.

Quando o objeto transicional (símbolo da união e da separação, que permite o fazer a partir do ser) se constitui, o bebê encontra um lugar de repouso da tensão dialética que há desde o início, e para sempre haverá, entre o que é subjetivamente concebido e o que é objetivamente percebido.

Por isso, para Milner (1991, p.249), o objeto transicional é o símbolo de uma jornada. Parece mesmo ser uma jornada de ida e volta; ambas voltadas para a descoberta da realidade objetiva do objeto e para a descoberta da realidade objetiva do sujeito – o EU SOU.

Não se pode esquecer, ainda, que “o intelecto começa a organizar a experiência desde o início e desta forma surge o pensamento [...] Com a transição da dependência absoluta para a relativa, o intelecto em evolução do bebê torna possível uma crescente consciência do cuidado materno e da necessidade do mesmo”. (Davis & Wallbridge, 1982, p. 70)

Na época da separação, é o pensamento aliado ao brincar criativo que ajuda a compensar os fracassos de adaptação da mãe, convertendo um ambiente suficientemente bom num ambiente perfeito. Para Winnicott, o desenvolvimento cognitivo que enriquece o self é aquele que permite estabelecer uma ponte entre a realidade interna e a externa, servindo, portanto, às necessidades do self.

Portanto, não há, para Winnicott,

Dicotomia entre as atividades do pensar e aquelas que se aproximam do sonho e da vida imaginativa. A ilusão como componente comum a ambas inaugura uma área da experiência humana capaz de dar sustentação tanto à vida afetiva como ao desenvolvimento da capacidade de pensar, criar e participar da cultura. (ROSA,1996, p. 211)

O pensar que se desenvolve a partir da integração psique-soma serve à sobrevivência da experiência da onipotência e é um ingrediente da integração.

O abandono precoce da ilusão e a atrofia do processo criativo

Entretanto, quando a mãe não consegue adaptar-se ativamente às necessidades da criança, desrespeitando o ritmo do bebê e impondo o seu gesto, há um processo de atrofia da criatividade e a perda do uso da capacidade imaginativa. O desenvolvimento do pensar, conhecer e aprender pode ocorrer, então, de forma não integrada, não se constituindo em uma dimensão do self, implicando em vivências disruptivas¹.

No artigo *Uma nova luz sobre o pensar infantil*, Winnicott (1965) afirma:

Quando a mãe fracassa rápido demais, o bebê pode sobreviver por meio da mente [...] Se o bebê possuir um bom aparelho mental, este pensar transforma-se num substituto para o cuidado e adaptação maternos [...] um relacionamento caótico provoca um tumulto intelectual e uma deficiência mental.

Assim, quando ocorre o fracasso do contato inicial, o bebê se desenvolve sem a experiência de ser, ou então, a experimenta de forma deficiente. Neste caso, não se pode falar em frustração, castração ou destrutividade. Só se pode falar em mutilação. Mutilar significa perder um processo e conseqüentemente a função a ele associada.

Ocorre também o split nas relações objetais,

Com uma metade o self se adapta à forma com que o objeto se apresenta (falso self).
Com a outra metade do split, o self se relaciona com o objeto subjetivo, ou com fenô-

¹ Winnicott (1949, 1960,1963b, 1963c, 1965, 1988).

menos baseados em experiências corporais, sendo estes dificilmente influenciados pelo mundo objetivamente percebido. Exemplo: o balançar do autista, o funcionamento esquizoide. (1990, p.167).

Se o ambiente não é confiável, nem fidedigno, o bebê tem que cuidar de si mesmo por meio do desenvolvimento exacerbado de alguma função mental, numa linha de organização do falso self.

Winnicott (1945, 1949, 1960, 1965, 1968) salienta que quando a falha ocorre no estágio de dependência absoluta, como no caso da inibição intelectual, há desespero em relação à integração e neste caso até mesmo a defesa intelectual falha, havendo também um elemento desintegrador na dinâmica familiar, sendo necessária uma intervenção junto aos pais.

Compreendendo Eric com base em Winnicott

Algumas hipóteses são possíveis: será que Eric pôde contar com a adaptação ativa e sensível da mãe em estado de devoção?

Houve o estabelecimento do contato nos primeiros encontros com o objeto subjetivo a partir do gesto espontâneo e potencialmente criativo? Houve o encontro com a mãe ambiente dos estados de quietude, que possibilita a experiência de continuidade do ser, de confiança e comunicação na mutualidade e, portanto, criação e desenvolvimento do espaço potencial?

Eric brincava de forma defensiva e tentava sobreviver e se defender frente ao mundo de realidade compartilhada, que era sentido como invasor. Não havia uma ponte entre ele e o mundo. Ele vivia num estado de isolamento.

Pelo relato da mãe, parecia ter havido uma variação entre momentos de encontros e de desencontros nas primeiras relações. Ela tentava educá-lo para adquirir um horário e tempo “certo” para as mamadas e também para o desmame, sendo ajudada por várias babás. Talvez o mundo tenha sido apresentado a Eric de uma forma confusa. Talvez a capacidade de ilusão de contato com a realidade externa não tenha se estabelecido ou era tão frágil que facilmente se quebrava, dando margem a um tipo de funcionamento esquizoide.

Eric, agora, não sente o cheiro nem o gosto do mundo. A boca pôde ser usada para comer e sobreviver, mas não para criar o self e a externalidade do mundo, o que o torna estranho e invasor. Sem o contato com um outro que o apresente o mundo, dando a ilusão da onipotência de contato, não há apetite, nem mundo apetecível. Sem a ilusão de ser o criador do mundo, não há experiência de mutualidade, nem comunicação significativa. Para Winnicott (1963-c), essa é a base do comer e do aprender.

A dimensão da agressividade que permitiria criar a externalidade do mundo por meio do pensamento e do brincar criativo não se constituiu. Eric vivia num mundo de objetos subjetivos, não podendo aprender ou conhecer “de uma substância que fosse não – eu”. Ele não tinha um lugar de descanso para guardar coisas e com isso aprender da experiência. A sua aprendizagem era feita numa linha adaptativa, de submissão ao externo. O que ele aprendia não tinha significado.

Eric ficava num estado de retraimento e isolamento e usava a agressividade para se defender e sobreviver frente à ansiedade de aniquilação, numa linha organizada pelo falso self. Ele brincava, mas de forma defensiva. Para ele, o Homem-Aranha não era um objeto transicional, e sim

acessório, usado não para estabelecer uma relação de encontro, nem para buscar na realidade externa aquilo que necessitava. Ele usava o Homem-Aranha para não se perder de si mesmo e nem ficar à mercê do mundo que o ameaçava. Talvez o Homem-Aranha permitisse manter a possibilidade de um dia chegar a estabelecer um encontro com algo do mundo compartilhado.

Acompanhemos, agora, a criação e a abertura do campo transicional, campo do brincar e do pensar e conhecer criativos, tendo por fio norteador a externalização da dimensão da subjetividade, através do processo terapêutico de Eric, quando ele voltou, aproximadamente, um ano depois. Ele tinha, agora, quase 8 anos, estava na 1ª série, havia iniciado um atendimento fonoaudiológico há quase seis meses, e a orientadora da escola atual, dizia que ele estava um pouco mais participativo, apesar da dificuldade de atenção, concentração, lentidão. O dado novo é que buscava contato com as crianças, sendo rejeitado por elas. Também demonstrava “exagerada sensibilidade”, sentindo qualquer comentário, inclusive dos professores, como crítica.

Mais uma vez, farei uso do recurso anterior, apresentando o caso da seguinte forma: na coluna à esquerda, relatarei o desenrolar de momentos terapêuticos significativos do processo de Eric. Reservo a coluna direita para estabelecer um diálogo entre o movimento psíquico do menino e a minha forma de compreendê-los com base nos conceitos teóricos de Winnicott até aqui trabalhados.

Segundo momento

Logo na primeira sessão, Eric se animou ao encontrar o Homem-Aranha e recomeçar a luta contra o mal. Para fazer a teia do Homem-Aranha, ele começou a usar barbanete. Fazia pontes entre uma cadeira e a maçaneta da porta, por exemplo, e era através dela que ele conseguia segurar-se, salvando-se e também a outros ameaçados pelo mal.

Depois, outros super-heróis surgiram, entre eles, a mulher maravilha, que passaram a ser aliados do homem-aranha na luta contra o mal. O mal era representado pelo Coringa e seus comparsas.

Após algumas sessões, ele parecia mais à vontade, começando a movimentar-se pela sala. Às vezes, trazia da sua casa um crocodilo ou algum outro animal ou super-herói, que fazia alianças com o Coringa. A luta era permanente: o Homem-Aranha nunca morria, mas o mal também nunca acabava e parecia sempre se fortalecer.

Aos poucos, ele começou a me chamar para participar das brincadeiras. Geralmente, ele me mandava personifi-

Na área dos fenômenos subjetivos, a comunicação é silenciosa. O bom é a não interrupção da continuidade do ser.

A minha atitude receptiva e silenciosa permitia que Eric não ficasse sob a ameaça constante de ser invadido.

car a voz e/ou fazer o papel da mulher maravilha. Ele que determinava como seria a minha participação no papel.

Para ele, eu de fato era uma continuação sua, tanto que ele parecia esperar que eu adivinhasse suas necessidades. Por exemplo: se eu não entendia algo, não podia perguntar. Às vezes, ele dizia bravo e com ar de desprezo: Ei, não é para fazer assim! E me ensinava, então, o que eu deveria fazer em tom autoritário e exigente.

Nessa fase, geralmente na hora de ir embora, ele dizia: “tchau”, para sua caixa, chamando-a de Caixa-Maravilha!

Até que houve uma festa dos super-heróis para comemorar a vitória do Homem-Aranha sobre o Mal. A mulher maravilha o acompanhava.

Outra sequência de sessões, com vários dados significativos, seguiu-se à festa de comemoração da vitória do Bem sobre o Mal.

Nessa época, Eric tirava o tênis, quando chegava. Na hora de ir embora, gostava que eu o ajudasse a colocá-los.

Outras vezes, ainda, ele chegava, parecendo muito cansado e desvitalizado. Deitava no sofá e dormia. Na sessão seguinte à primeira em que dormiu, começou a contar de uma viagem que havia feito nas férias anteriores e das várias situações de medo pelas quais passou.

À medida que falava, pegou uma folha e caneta e foi desenhando a Caverna dos Morcegos, onde havia o Deus da Morte. Enquanto desenhava e me mostrava a entrada da caverna, contou ter sentido tanto medo que até precisou segurar o pinto para o xixi não escapar. No momento em que falou disso, foi ao banheiro.

Nessa ocasião, observava um certo maneirismo: ele suspendia a calça e apertava muito o cinto, como se para sentir o corpo. Quando falava dos medos e situações de excitação corporal, geralmente, ia ao banheiro.

Outras vezes, durante alguma dramatização ele me olhava, parecendo assustado e dizia: é faz de conta, viu; não é de verdade!

O dormir na sessão parecia associado ao cansaço e

Os objetos estavam sob seu controle onipotente.

O que acontecia era fruto da sua criação.

Participar das brincadeiras, mas como uma extensão sua. Isso permite a experiência de onipotência e o estabelecimento de um contato real com o objeto subjetivo. A agressividade pode ser usada para repudiar o que é sentido como não eu.

Cada encontro ocorre a partir do gesto pessoal de Eric. Um espaço potencial vai sendo criado e um processo de apercepção criativa pode começar a desenvolver-se.

Havia confiança, podíamos estar próximos fisicamente. Ele podia dormir. Um ponto de descanso permitia o autorrelaxamento e o estado de não integração.

É possível o enfrentamento do mal a partir da relação intersubjetiva.

Uma comunicação permite a expressão do sentimento. O medo só pode ser humanizado e, portanto, simbolizado na experiência e na

também à vivência de algum momento significativo. Por exemplo: na sessão seguinte a uma outra em que ele dormiu, outro movimento e tema surgiram: ele não abriu a sua caixa, e sim o armário onde havia jogos.

Após algum tempo de hesitação, pegou um jogo chamado caça às bruxas. Disse que estávamos num mundo onde as bruxas dominavam.

Havia muitos perigos: cobras, escorpiões. Mas devíamos encontrar a chave da esperança que nos daria a salvação. Após a encontrarmos, éramos perseguidos pela bruxa, esperta e malvada que novamente a roubava de nós. Após novas lutas, conseguíamos reavê-la novamente, através da astúcia e, assim, vencíamos as bruxas que iam para a cadeia.

Algumas sessões mais adiante, Eric jogou um monte de coisas para cima, misturou tudo, gritou e subiu no sofá. Jogou algo em minha direção. De repente, parou e me olhou parecendo assustado.

Peguei, então, uma almofada, dizendo que agora eu tinha um escudo e podia me defender.

No final da sessão, ele ajudou a arrumar a sala e após guardarmos tudo, verificamos que não havia danos irreparáveis. Tínhamos feito uma bagunça e não um estrago.

Interessante o tema das sessões que se seguiram a essa.

Estávamos no mundo do inferno e éramos ladrões de bancos disfarçados de ajudantes e policiais. Dávamos pistas falsas do esconderijo dos bandidos a alguns policiais verdadeiros que eram engolfados pela areia movediça enquanto outros eram comidos num rio cheio de piranhas. Ele parecia se divertir, agora, podendo brincar e experimentar estar do lado do Mal.

Na sessão seguinte, ele me chamou para brincar: tínhamos que desligar uma bomba que podia destruir o mundo todo.

Logo em seguida, vieram as férias. Na volta, ele estava novamente defendido, arredio e desconfiado, brincando

relação com um outro que acolhe.

O brincar assusta devido à “inter-relação entre o que é subjetivo e o que é objetivamente percebido.” Não há separação, limite entre dentro e fora, realidade e fantasia.

Respeitar o tempo de hesitação para que não se rompa o espaço potencial. Só assim, Eric poderá tornar-se alguém desejante e protagonista da sua história.

Éramos um só, ameaçados pelo mal, que estava fora e era representado pelos objetos. Eu começava a fazer parte do seu mundo pessoal “diferente de antes em que eu era parte do mundo repudiado e ele estava só.”

Se há esperança e salvação, é possível usar a inteligência, a astúcia. Há o surgimento do gesto espontâneo, “cuja fonte é a liberdade da vida instintiva.”

A função de manejo ajuda a manter o ambiente inalterado e indestrutível.

Uma das angústias de Eric estava ligada ao medo de destruir o objeto subjetivo na realidade externa e não na fantasia onipotente subjetiva.

em estado de solidão.

Um dado significativo surgiu a partir da segunda sessão. Eric começou a trancar a porta e fechar janelas e cortinas. Aí uma cena podia acontecer.

Novamente o tema do Homem-Aranha que era ferido e ia para o hospital durante a luta contra o Mal voltou à cena. O Mal estava mais forte, porque um pesquisador havia soltado o morcego da morte e a maldição estava solta.

As sessões alternavam-se: ora ele brincava só, ora eu participava, mas na área dos fenômenos subjetivos. Até que ele isolou novamente o Deus das trevas e aí pudemos conversar. Contou, então, que nas férias havia visitado um labirinto onde os astecas enterravam os mortos que viravam, então, espíritos do mal. Contou que passou tão mal no labirinto que até ficou com enjoo. Pôde, ainda, falar de uma série de coisas que sentiu como muito ruins na viagem.

Outro movimento significativo ocorreu, algumas sessões adiante, sempre às portas trancadas, quando ele me disse para fazer o personagem que ele determinava, mas do jeito que eu quisesse.

Até então, era ele quem determinava o que e como eu devia fazer, de maneira autoritária.

Estávamos na Grécia e éramos escravos da Rainha Atena. Não podíamos dormir, comer ou descansar. Todo o tempo ficávamos submetidos à sua tirania. Ele sempre fazia o papel de um escravo totalmente submisso e obediente. Eu comecei, então, a representar um escravo rebelde, que se defendia, sempre que possível, afirmando que até mesmo um escravo tinha seus direitos. Ele fez, então, o papel da rainha, defendendo sua posição tirânica, mas prestando muita atenção aos meus argumentos.

Na dramatização seguinte, ele propôs que fossemos escravos que construam as pirâmides dos astecas. Foi ele que passou, então, a fazer o papel de escravo rebelde, desenvolvendo argumentos próprios em defesa da liberdade possível.

Eric já podia brincar, dramatizar uma situação, na qual ele mantinha uma relação com o mal.

Começa a delimitar um espaço de intimidade, um lugar onde o seu mundo pode ser compartilhado.

Ele comunica sua necessidade de desenvolver uma barreira de proteção às invasões ambientais. Neste espaço, os objetos podem ser transformados e usados a partir da subjetividade.

Acompanhá-lo, mas pelo que eu sentia visceralmente. Tentei não dar um sentido. Qualquer tentativa de entendê-lo podia romper o espaço potencial ou provocar um movimento reativo de submissão ou confusão.

Eric começa a poder se alimentar (aprender) de outro que “não-eu”.

À medida em que o campo transicional vai se abrindo, Eric pode fazer uso da memória e da imaginação.

Atente-se para a função de apresentação de objeto.

Em determinado momento, cortou a brincadeira, pegou papel, caneta, lápis, tesoura e fita adesiva. Disse que essas eram as nossas armas. Desenhou, então, dois tipos de pirâmides, explicando por que as dos astecas eram diferentes das dos egípcios. Ao falar sobre os astecas, fez labirintos, campos magnéticos, armadilhas, ciladas.

A partir da sessão seguinte, Eric já chegava num estado de excitação. Assim que me via, já ia subindo as escadas. Como ele costumava chegar muito antes do seu horário, geralmente, reclamava do que ele chamava dos meus atrasos.

Assim que entrava na sala, desenvolvia uma espécie de ritual: trancava a porta, fechava janelas e cortinas. Enquanto batia na mesa dizia para eu pegar nossas armas: papel, caneta, lápis, tesoura e fita adesiva.

Depois graduava o abajur, chamando-o de a luz de nosso sol e aí uma cena podia acontecer. A graduação do abajur marcava diferentes períodos. À noite, ele desligava o abajur e dormíamos. Interessante o que dizia: agora é hora do lugar escurinho, quentinho e gostoso.

Quando uma cena ficava muito dramática e amedrontadora, ele fazia um corte. Éramos, então, diretores de um filme, estávamos em Hollywood, a cena podia, ao mesmo tempo, continuar se passando na África ou no Egito, aqui e em Hollywood.

Outra sequência de sessões mostra como para Eric, o bom rapidamente se transformava em ruim.

Numa determinada sessão, ele era médico e eu enfermeira. Após salvar 200 pessoas machucadas durante uma tragédia, íamos para a sala de descanso. Mas nem tomar café ou relaxar podíamos, porque o telefone tocava, anunciando mais desgraças e nos chamando para o trabalho, que era ininterrupto.

A agressividade pode ser usada para conhecer, para fazer discriminações entre realidade e fantasia, a partir das necessidades do self.

Estabelece-se o contato, o encontro com o objeto subjetivo, no estado excitado, que permite a ilusão de criar o mundo.

O espaço potencial vai sendo preenchido pelos objetos acessórios, criados e transformados a partir do gesto, olhar, memória e imaginação de Eric.

Em que mundo estamos?
Aqui os limites corporais se expandem até as paredes. Há todo um movimento de transfiguração, em que os objetos do mundo compartilhado são e não são eles mesmos, porque são transformados a partir da forma singular imprimida pelo olhar e gesto de Eric.

Estamos num mundo maravilhoso, onde o movimento é da ordem do paradoxo e da ambiguidade.

Eric perde novamente o ponto de descanso que permite o estado de relaxamento. Mostra o padrão de reações, desenvolvido para se defender frente às exigências ambientais.

Aos poucos, comecei a representar uma enfermeira humana que se cansava e reclamava de tantas tragédias, através de verbalizações no próprio papel. Dizia, então: “A gente nem pode descansar. Só ver desgraças. Nem café pode tomar. Só cuidar dos outros e trabalhar, trabalhar.”

Ele me olhava, então, longa e fixamente, mudando um pouco o ritmo. Mais adiante, o mesmo tema voltou com outro colorido. Agora, a tragédia quase acontecia, porém podíamos obter êxito.

Ele começou uma brincadeira em que éramos cozinheiros. Ganhávamos, então, o concurso e éramos eleitos os melhores cozinheiros do mundo. Mas tínhamos que cozinhar para um imperador que visitava o Brasil. Se ele não gostasse da nossa comida, seríamos guilhotinados.

As sessões começaram a ter outras variações. Eric, às vezes, pegava alguns jogos e usava-os de maneira singular. Inventava jogos e regras com leis próprias ditadas por uma lógica articulada pela dimensão subjetiva, dramática, usando também dados das leis próprias dos objetos externos (as leis do mundo não eu).

Por exemplo: 6 bichos concorriam para ser presidente e mandar nos outros. Após a nossa votação, o jacaré ganhava, mas não podia assumir porque não era um animal da África, país onde a eleição acontecia. Ganhava o elefante, segundo classificado, porque era da África. Depois, ganhava o tigre porque era da Ásia, etc.

Aqui ele fazia uso de informações e conhecimentos objetivos sobre países e capitais associadas à origem dos animais, para fazer ganhar os animais de que mais gostava. Entretanto, desenvolvia argumentos e estabelecia relações a partir das leis do mundo da realidade compartilhada.

Numa determinada sessão mais adiante, éramos cientistas investigadores no Mundo Perdido. Ele havia assistido ao filme: O mundo perdido.

Suas fantasias giravam em torno do filme, a partir de um colorido pessoal. Tínhamos armas anti-velociraptor e anti-tiranossauros, por isso podíamos descansar, tomar cafezinhos, enquanto discutíamos sobre nossas possibilidades de defesa num mundo tão perigoso. Ele apagava o abajur para simular que era noite e o acendia para anunciar o dia. Ele construiu com objetos de montar, de plástico, uma forma de cruz e disse que era a imagem, o símbolo de Cris-

Atente-se, novamente, para a função de apresentação de objeto.

O pensamento desenvolve-se aliado ao brincar criativo e permite ir criando uma ponte entre o mundo pessoal e a realidade externa. A mente é produto da integração psique-soma e ajuda a passar da relação para o uso dos objetos.

O lugar de descanso é retomado.

to, que tinha poder e nos protegia, enquanto a empunhava.

Disse, então, que não precisávamos mais nos preocupar, porque o Deus da magia, da água, do fogo, do ar e da terra era nosso aliado. Em seguida, fez um desenho de dois dinossauros, falando das diferenças entre eles.

Depois, enquanto montava uma outra cena em Nova York, destruiu a forma que havia construído e usado para representar o Deus da magia, dando-lhe agora uma outra forma e função: era uma arma anti-tiranossauros.

Na sua sessão antes das férias, Eric constituiu um tribunal para julgar um aluno que tinha tirado conceito B, em Português, no 1º semestre e C, no 2º, algo que tinha acontecido com ele.

Ele era o juiz que chamava as diferentes testemunhas que eu interpretava e ele ia fazendo as perguntas. Quando eu estava no papel da professora, remeti-me às dificuldades anteriores dos pais em ajudar o aluno, colocando-o em escolas inadequadas e invadindo o seu ritmo. Em seguida, no papel de colega, falei de como ele estava diferente agora: mais comunicativo e companheiro (eu fazia uso de informações que me foram dadas pela escola).

Após depoimentos de várias testemunhas, ele chegou a uma interessante decisão: o aluno foi absolvido e os pais considerados culpados. A mãe foi perdoada e o pai condenado a 100 anos de prisão.

Em seguida, Eric desenhou dois ETs, um grande e outro pequeno, assinalando as diferenças entre eles. Depois, passou a falar de experiências que fazia no sítio com o pai. Contou que jogou sal numa lesma e ela derreteu. Agora pretende jogar açúcar e tem certeza de que ela vai endurecer.

Depois de várias indagações, certezas e dúvidas, reconheceu que os cientistas já deviam ter feito essa experiência e por isso já sabiam a resposta.

Mas ele só poderia ter certeza, depois de testar sua hipótese: se o sal derretia a lesma e era o contrário do açúcar, este também deveria causar o efeito oposto. Queria saber sobre o efeito de dois elementos diferentes e complementares sobre um terceiro e mesmo elemento.

Eric constitui o objeto transicional, símbolo da união e da separação.

Deus, símbolo de uma relação interna de confiança e esperança. Surge a fé.

Pode-se destruir o objeto – símbolo, que perde seu significado porque os fenômenos transicionais se esparramam pelo território intermediário entre a realidade psíquica interna e o mundo externo. O mesmo material permite a construção da cruz, como símbolo do descanso e da arma, símbolo da defesa.

Eric queria saber sobre sua própria história.

A qualidade de permanência e de existir por direito próprio do objeto, vai sendo criada e transformada pelos símbolos do self, ao mesmo tempo em que o transforma. Assim, novos símbolos e significados são criados. Estabelece-se a tridimensionalidade, o início das questões triangulares edípicas e de um pensamento criativo associado ao desenvolvimento da capacidade

de observação da experiência num mundo de realidade compartilhada, base do desenvolvimento da atitude científica.

Algumas considerações sobre o modelo de atendimento

Gostaria agora de, com base no processo de Eric, apresentar o modelo de atendimento que uso com pacientes que apresentam sofrimento psíquico ligado às queixas de problemas de aprendizagem.

Podemos observar nesses pacientes a impossibilidade de brincar, de se comunicar e estabelecer pontes entre a realidade interna e externa e desfrutar de experiências significativas. O sintoma principal das crianças é que não brincam. Encontramos, também, adolescentes e adultos que apresentam desde momentos de confusão até momentos de paralisia, de rupturas na disponibilidade de usar a atenção, concentração, a capacidade de compreensão e síntese. Isso vem acompanhado de uma modalidade de aprendizagem numa linha de submissão ao ambiente (falso self), em maior ou em menor grau.

A experiência clínica tem mostrado a necessidade de um trabalho que possibilite a constituição e integração de aspectos do verdadeiro self, já que muitas vezes não foi possível a constituição da subjetividade, da realidade externa e de uma ponte que permitiria o trânsito entre ambas. (Parente, 1996) Para Winnicott, qualquer falha de objetividade relaciona-se ao estágio de dependência absoluta.

Na minha experiência, conhecer o funcionamento psíquico do paciente e verificar a que nível de situação e organização de self o problema de aprendizagem está relacionado, tem permitido definir o tipo de intervenção necessária.

O processo de Eric é exemplar do que geralmente ocorre com crianças com inibição intelectual. O fato de a defesa intelectual falhar indica que a deficiência do ambiente se deu no estágio de dependência absoluta e que a criança padece de ansiedades impensáveis, sendo necessário favorecer um processo de regressão a esse estágio de dependência, para descongelar aspectos do verdadeiro self. Por outro lado, acolher as dificuldades e resistências dos pais e ajudá-los a organizar um processo de integração é a primeira intervenção. Vale lembrar que são as necessidades do paciente e da família que variam muito, de caso para caso, que norteiam o trabalho.

No primeiro ano do atendimento de Eric, tive encontros com a presença dele e dos pais e encontros com algum dos pais separadamente, além de alguns contatos com a escola quando foi necessário, o que foi importante para dar retaguarda ao processo do menino.

Um aspecto que acompanha e organiza todo o processo relaciona-se à importância da dimensão do tempo. Mesmo pais ansiosos, que solicitam uma avaliação intelectual, entendem e respeitam quando compreendem que isso só pode ser feito, se necessário, quando a criança puder brincar.

Atitudes técnicas e aquisições de Eric em relação à aprendizagem

A questão ligada à técnica em Winnicott envolve o aspecto da comunicação no espaço potencial. Para o autor, só se chega a comunicação significativa a partir da comunicação silenciosa, que

ocorre em isolamento, na área de fusão com os objetos subjetivos. “É o espaço potencial que permite que o indivíduo se comunique direta e indiretamente, isto é, descubra o eu, incluindo-se o potencial inato e todo o senso de ser real e estar em contato com o que é outro-além-de-mim.” (Davis & Wallbridge, 1982, p. 139)

Winnicott salienta três aspectos da relação egoica entre mãe-bebê que permite a passagem da comunicação silenciosa para a significativa: os fracassos reparados, as experiências na mutualidade e a retroreflexão. (Davis & Wallbridge, 1982) Assim como a mãe suficientemente boa, o terapeuta empresta a transicionalidade do seu campo psíquico para acompanhar o ritmo e os movimentos do paciente na relação respeitando o seu tempo, esperando e acolhendo o seu gesto. É isso que permite a comunicação e a expressão de aspectos do verdadeiro self.

No caso de Eric, os atos heroicos do Homem-Aranha garantiam um senso de existir. Naquele lugar, ele podia ter boca, nariz, enfim órgãos de comunicação com o mundo que era, também, fruto da sua criação. Isso foi fundamental para a criação da experiência de onipotência, a partir da qual se constitui a ilusão, que é, para Winnicott, o meio de acesso à experiência do real. Mas ilusão de quê? Ilusão de que éramos um só: aos poucos, eu comecei a fazer parte do seu mundo pessoal. Era a Sonia-Mulher-Maravilha que dava sustentação ao campo.

A minha atitude receptiva e silenciosa (*holding*), o fato de os objetos estarem sob o seu controle onipotente, afastavam de Eric a ameaça de invasão. Atente-se para o fato de que, assim como a mãe suficientemente boa, o terapeuta se oferece para ser criado pelo bebê como objeto subjetivo, amoldando-se, tomando a forma da necessidade do mesmo, a partir da transicionalidade e do movimento do seu campo psíquico. Só o que é encontrado pode ser criado.

Para Winnicott, o uso que o bebê faz do ambiente não humano depende do uso anterior de um ambiente humano. Após a experiência de onipotência, a mãe continua a apresentar o mundo em pequenas doses. Milner (1991) enfatiza que o paciente precisa encontrar na sala de ludo uma pequena parte do mundo externo que seja maleável, que possa tratá-la como parte de si mesmo para que possa servir como uma ponte entre o interior e o exterior.

Penso que as aquisições de Eric em relação à aprendizagem começaram a ocorrer quando ele me convidou para brincar e personificar a voz da mulher maravilha. Este jogo assinalou, a meu ver, a abertura do espaço transicional. Depois, ele pôde dormir e encontrar um ponto de descanso que permitiu o autorrelaxamento e o estado de não integração, condições para o brincar criativo.

Enquanto Eric brincava, ia dominando ideias, controlando impulsos, entrando em contato com sentimentos e experienciando as fantasias que o mantinham, até então, em estado de alerta. Mais adiante, Eric manifestou o desejo de conhecer e buscar objetos do mundo compartilhado: abriu o armário onde havia jogos e atividades cognitivas. O jogo Caça às Bruxas foi escolhido e vestido com colorido pessoal, tornando-se significativo. Ele escolheu um objeto que foi transformado na chave da esperança.

Naquele momento, Eric pôde conceber uma outra modalidade de relação com a realidade externa: ele podia encontrar nela aquilo que necessitava. Havia esperança e, portanto, salvação. Isso foi abrindo a possibilidade de caminhar em direção à criação da externalidade do mundo. Em Winnicott, o conhecimento não tem uma função defensiva, de domínio e/ou controle em relação ao mundo compartilhado, e sim de busca e encontro. Faz sentido, para mim, a afirmação de Jones (1992) sobre as estruturas do nosso conhecimento, que contêm os temas semeados em nossos

primeiros encontros interpessoais. Compreendemos o mundo através da nossa interação com ele.

Uma das perguntas que passei a me fazer, quando se abre o campo transicional é: quanto o paciente pode conhecer e assimilar daquilo que está buscando? Assinalei, durante a apresentação do caso, a importância da dimensão do tempo e, especialmente, da função de apresentação de objetos, que envolve o início das relações com o outro e introdução do mundo de realidade compartilhada.

Quando Eric jogou coisas na minha direção, isso foi transformado num jogo. O importante nessa experiência foi o fato de o ambiente permanecer inalterado e indestrutível. Eric começou a aprender da experiência, de alguém que era outro-que-não-eu quando me disse para fazer um escravo do jeito que eu quisesse. Discuti e argumentou como rainha, mas convenceu-se: até mesmo um escravo podia ter direitos e defendê-los.

Aos poucos, ele foi introjetando a função transicional do campo terapêutico. Tudo ocorria numa área onde os fenômenos não eram lineares já que vários elementos da sua história pessoal se articulavam e se inscreviam através da nossa relação. O movimento era paradoxal e ambíguo, os objetos eram e não eram eles mesmos, pois eram transfigurados a partir do olhar e do gesto de Eric.

Um aspecto observado ao longo do processo de Eric reflete o que geralmente ocorre no trabalho clínico feito a partir da perspectiva de Winnicott: aspectos do verdadeiro self vão se expressando, são perdidos e novamente resgatados até serem simbolizados. O self não se constitui de uma vez e nem de forma linear. Trata-se de um movimento contínuo de transformação e vir a ser.

Eric foi desenvolvendo a atitude científica, base da aprendizagem formal, quando começou a levantar hipóteses a respeito do efeito que o sal e o açúcar teriam sobre a lesma. Naquele momento, reconheceu a importância da experiência no sentido de comprovar, ou não, as suas hipóteses, ou seja, começou a medir suas expectativas em relação ao mundo de fenômenos compartilhados.

O mesmo movimento apresentado pelo menino no contexto terapêutico de construir uma barreira de proteção frente às invasões do ambiente e começar a defender a liberdade possível começou a ocorrer também em outras situações. Tanto os pais quanto a escola relataram episódios em que ele comunicava melhor suas necessidades, possibilidades e limites, o que permitiu que a realidade externa fosse se adaptando ao seu ritmo e necessidades.

Por meio do brincar, a subjetividade foi se constituindo e se encarnando no corpo, ao mesmo tempo em que o gesto foi se inscrevendo num mundo de realidade compartilhada. À medida que isso ocorreu, abriu-se também, o campo do conhecer, aprender e pensar criativos envolvendo o mesmo movimento presente no brincar: um trânsito entre duas dimensões, que se constituem a partir do ser (onde é criado e se desenvolve o pensamento subjetivo, plástico, articulado pelo uso da capacidade imaginativa) e o fazer (onde é criada a externalidade do mundo, que permite dar uma forma para aquilo que foi subjetivamente concebido).

Winnicott (1975, p.79-80) afirma:

É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação [...]. Se o terapeuta não pode brincar, então ele não se adequa ao trabalho. Se é o paciente que não pode, então algo precisa ser feito para ajudá-lo a se tornar capaz de brincar, após o que a psicoterapia pode começar.

A adaptação ativa e sensível da mãe em estado de devoção, sua receptividade e maleabilidade

relacionam-se ao ser, ao elemento feminino puro e não ao fazer. Não pode ser ensinado e nem é intelectual. É fruto de uma relação interpessoal num campo de experiências altamente satisfatórias na superposição de espaços psíquicos (espaço potencial), devido às experiências na mutualidade e ao olhar do terapeuta suficientemente bom, que está envolvido no processo com sua história, seu estilo e suas características de personalidade.

Winnicott (1975, p.111-112) afirma: “se pudermos esperar, o paciente chegará à compreensão criativamente, e com imensa alegria; [...] trata-se de partir do princípio de que é o paciente, e apenas ele, que tem as respostas.”

Na minha experiência clínica, aprender a respeitar o tempo de tolerância do outro e usá-lo como termômetro nas intervenções tem sido a mais importante e difícil aprendizagem: aguentar a espera, ficar sem entender, confiar e deixar que o paciente encontre o sentido. Enfim, suportar o caos.

Referências

- DAVIS, M. E WALLBRIDGE, D. *Limite e espaço: uma introdução à obra de D.W.Winnicott*. Rio de Janeiro, Imago, 1982.
- JONES, J. W. Conhecimento em Transição: Rumo a Uma Epistemologia de Winnicott (1992). In.: *Revista Ide*, SBPSP. maio/1994, nº 24, pp.104-112.
- MILNER, M. *A Loucura suprimida do homem são: quarenta e quatro anos explorando a psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- PARENTE, S. M. B. A. *Inibição Intelectual: o paradoxo no sintoma expressando paralisia e busca da criatividade. Uma visão winnicottiana*, Mestrado em Psicologia Clínica, PUC/SP, 1996.
- ROSA, S. S. *Transicionalidade e Educação: a relação pedagógica como espaço de acontecimentos estético*. Tese de Doutorado. PUC/SP. 1996.
- SAFRA, G. *Momentos mutativos em Psicanálise: uma visão winnicottiana*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1995.
- WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento Emocional Primitivo (1945). In.: *Da Pediatria à Psicanálise - Textos Seleccionados*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
- _____. A Mente e sua Relação com o Psique-Soma (1949) In.: *Da Pediatria à Psicanálise - Textos Seleccionados*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
- _____. Distorção do Ego em Termos de falso e Verdadeiro Self. (1960) In.: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- _____. Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos (1963). In.: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- _____. O desenvolvimento da capacidade de se preocupar (1963). In.: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- _____. O medo do colapso (1963). In.: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- _____. Uma nova luz sobre o pensar infantil (1965). In.: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- _____. O pensar e a formação de símbolos (1968). In.: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1975.
- _____. *Natureza humana*. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1990.